

## MEDITAÇÕES SOBRE A FILOSOFIA PRIMEIRA NAS QUAIS SÃO DEMONSTRADAS A EXISTÊNCIA DE DEUS E A DISTINÇÃO REAL ENTRE A ALMA E O CORPO DO HOMEM<sup>1</sup>

### PRIMEIRA MEDITAÇÃO

*Das coisas que podem ser postas em dúvida<sup>2</sup>*

1. Há já algum tempo dei-me conta de que, desde meus primeiros anos, recebera muitas falsas opiniões por verdadeiras e de que aquilo que depois eu fundei sobre princípios tão mal assegurados devia ser apenas muito duvidoso e incerto; de modo que era preciso tentar seriamente, uma vez em minha vida, desfazer-me de todas as opiniões que recebera até então em minha crença e começar tudo novamente desde os fundamentos, se eu quisesse estabelecer alguma coisa de firme e de constante nas ciências. Parecendo-me, porém, ser esse empreendimento muito grande, aguardei que atingisse uma idade que fosse tão madura

<sup>1</sup> DESCARTES, R. Méditations touchant la première philosophie dans lesquelles l'existence de Dieu et la distinction réelle entre l'ame et le corps de l'homme sont démontrées. In: \_\_\_\_\_. *Ceuvres de Descartes*. Publiées par Charles Adam e Paul Tannery (AT). Paris: Vrin, 1996. v. 9, p. 13-72.

<sup>2</sup> A Primeira Meditação pode ser dividida em duas grandes partes: a primeira (§§ 1-2) apresenta o problema, objetivos e estratégias da Meditação; a segunda (§§ 3-13) expõe os três graus da dúvida, cada qual com sua abrangência e limites.

que não pudesse esperar outra depois dela, a qual me fosse mais própria para executá-lo; isso me fez adiar-lo por tanto tempo que, de agora em diante, acreditaria cometer um erro, se empregasse ainda em deliberar o tempo que me resta para agir.

2. Agora, pois, que meu espírito está livre de todas as preocupações e que obtive um repouso seguro numa solidão tranquila, aplicar-me-ei seriamente e com liberdade a destruir em geral todas as minhas antigas opiniões. Ora, não será necessário, para atingir esse propósito, provar que elas todas são falsas, o que talvez jamais realizasse até o fim; mas, visto que a razão já me persuade de que não devo menos cuidadosamente impedir-me de acreditar nas coisas que não são inteiramente certas e indubitáveis do que nas que nos parecem ser manifestamente falsas, a menor razão de duvidar que eu nelas encontrar será suficiente para me fazer rejeitá-las todas.<sup>3</sup> E, para isso, não é necessário que eu examine cada uma em particular, o que seria um trabalho infinito; mas, como a ruína dos fundamentos traz necessariamente consigo todo o resto do edifício, atacarei inicialmente os princípios sobre os quais todas as minhas antigas opiniões estavam apoiadas.<sup>4</sup>

3. Tudo o que recebi até o presente como o mais verdadeiro e seguro, eu o aprendi dos sentidos ou pelos sentidos; ora, algumas vezes experimentei que esses sentidos eram enganosos, e é de prudência jamais se fiar inteiramente em quem nos enganou uma vez.<sup>5</sup>

---

<sup>3</sup> Duvidar de uma afirmação ou ideia não é considerá-la falsa. Para duvidar, basta ter uma boa razão de duvidar, uma razão que nos conduza à desconfiança. A falsidade exige, ao contrário, uma certeza (tal como a verdade). Imaginemos que tenhamos que atravessar uma velha ponte: a menor suspeita de que ela possa desabar nos detém, embora não possamos ter certeza de que ela não resistiria a nossa passagem.

<sup>4</sup> Descartes põe à prova todo o conhecimento que se apresente. A dúvida se aplicará aos fundamentos – não a cada conhecimento em particular – e se tornará cada vez mais radical e mais universal. Ela é um procedimento com características destrutivas, cuja radicalidade permitirá ou que se encontre algo que lhe resista definitivamente ou que todo o edifício do saber caia por terra. Suponhamos que queiramos testar o sistema imunológico do corpo humano. Experiências bem-sucedidas não nos dão certeza de que, no futuro, não seremos atacados por uma nova doença. Agora, se produzirmos em laboratório um agente causador da doença mais devastadora que possa algum dia existir, o teste será definitivo: ou ela nos destruirá, ou nós a destruiremos (e, com ela, a todas as demais).

<sup>5</sup> Aqui começa o argumento dos erros dos sentidos, o primeiro grau da dúvida.

4. Ocorre, contudo, que, embora os sentidos nos enganem às vezes acerca das coisas pouco sensíveis e muito distantes, encontram-se talvez muitas outras das quais não se possa razoavelmente duvidar, ainda que as conhecêssemos por meio deles: por exemplo, que eu esteja aqui, sentado perto do fogo, vestido com um roupão, tendo este papel entre as mãos e outras coisas dessa natureza. E como eu poderia negar que estas mãos e este corpo sejam meus? A menos, talvez, que eu me compare a esses insensatos, cujo cérebro está de tal modo perturbado e ofuscado pelos negros vapores da bÍlis, que constantemente asseguram ser reis quando são muito pobres, estar vestidos de ouro e de pÚrpura quando estão totalmente nus; ou imaginam ser cÂntaros ou ter um corpo de vidro. Mas o quê? São loucos, e eu não seria menos extravagante se me guiasse por seus exemplos.

5. Devo, contudo, aqui considerar que sou homem e que, por isso, tenho o costume de dormir e de representar em meus sonhos as mesmas coisas, ou outras por vezes menos verossÍmeis, que esses insensatos quando acordados.<sup>6</sup> Quantas vezes ocorreu-me sonhar, à noite, que estava neste lugar, que estava vestido, que estava perto do fogo, embora estivesse inteiramente nu em minha cama? Parece-me que, nesse momento, não é com olhos adormecidos que observo este papel; que esta cabeça que mexo não está dormente; que é com intenção e propósito deliberado que estendo esta mão e que a sinto: o que acontece no sonho não parece ser tão claro nem tão distinto quanto tudo isso. Pensando nisso cuidadosamente, lembro-me, porém, de ter sido frequentemente enganado, quando dormia, por semelhantes ilusões. E, detendo-me neste pensamento, vejo tão manifestamente que não há indÍcio concludente algum nem marcas suficientemente certas por cujo meio se possa distinguir nitidamente a vigÍlia do sono que me sinto inteiramente espantado; e meu espanto é tal que ele é quase capaz de me persuadir de que estou dormindo.

6. Suponhamos, agora, pois, que estamos adormecidos e que todas essas particularidades – a saber, que abrimos os olhos, que mexemos a cabeça, que estendemos as mãos, e coisas semelhantes – são apenas fal-

---

<sup>6</sup> Aqui começa o argumento do sonho, o segundo grau da dúvida.

sas ilusões; e pensemos que talvez nossas mãos ou nosso corpo todo não são tais como os vemos. Entretanto, é preciso ao menos confessar que as coisas que nos são representadas durante o sono são como quadros e pinturas, que não podem ser formados senão à semelhança de algo real e verdadeiro; e que assim, pelo menos, essas coisas gerais, a saber, olhos, cabeça, mãos e todo o resto do corpo, não são coisas imaginárias, mas verdadeiras e existentes. Na verdade, mesmo os pintores, quando se esforçam com o maior artifício em representar sereias e sátiros por formas bizarras e extraordinárias, não lhes podem, contudo, atribuir formas e naturezas inteiramente novas, mas fazem apenas certa mistura e composição dos membros de diversos animais; ou então, se talvez sua imaginação for suficientemente extravagante para inventar algo de tão novo que jamais tenhamos visto coisa semelhante – e que, assim, sua obra nos represente uma coisa puramente fictícia e absolutamente falsa –, certamente pelo menos as cores com que eles a compõem devem ser verdadeiras.

7. E, pela mesma razão, embora essas coisas gerais, a saber, olhos, cabeça, mãos e outras semelhantes, possam ser imaginárias, é preciso confessar, entretanto, que há coisas ainda mais simples e mais universais que são verdadeiras e existentes, de cuja mistura, nem mais nem menos que daquela de algumas cores verdadeiras, são formadas todas essas imagens das coisas que residem em nosso pensamento, quer verdadeiras e reais, quer fictícias e fantásticas. Desse gênero de coisas é a natureza corpórea em geral e sua extensão, também a figura das coisas extensas, sua quantidade ou grandeza e seu número, como também o lugar onde estão, o tempo que mede sua duração, e outras coisas semelhantes.

8. É por isso que, talvez, daí não concluamos mal se dissermos que a Física, a Astronomia, a Medicina e todas as outras ciências dependentes da consideração das coisas compostas são muito duvidosas e incertas, mas que a Aritmética, a Geometria e as outras ciências dessa natureza, que não tratam senão de coisas muito simples e muito gerais sem muito se inquietarem sobre se elas existem na natureza ou não existem, contêm alguma coisa de certo e indubitável. Com efeito, quer eu esteja acordado, quer esteja dormindo, dois e três somados formarão sempre o número cinco e o quadrado nunca terá mais que quatro lados; e não parece pos-

sível que verdades tão manifestas possam ser suspeitas de alguma falsidade ou incerteza.

9. Há muito tempo, entretanto, que tenho em meu espírito certa opinião de que há um Deus que pode tudo e por quem fui criado e produzido tal como sou.<sup>7</sup> Ora, quem me poderá assegurar que esse Deus não tenha feito que não haja nenhuma terra, nenhum céu, nenhum corpo extenso, nenhuma figura, nenhuma grandeza, nenhum lugar, e que, não obstante, eu tenha os sentimentos de todas essas coisas e que tudo isso não me pareça existir de modo diferente daquele que vejo? E, mesmo, como por vezes julgo que os outros se enganam até nas coisas que pensam saber com a maior certeza, pode ocorrer que ele tenha desejado que eu me engane todas as vezes em que faço a adição de dois e três, ou em que conto os lados de um quadrado, ou em que julgo alguma coisa ainda mais fácil, se é que se pode imaginar algo mais fácil que isso. Pode até ser que Deus não tenha querido que eu seja decepcionado desta maneira, pois ele é considerado soberanamente bom; todavia, se repugnasse a sua bondade ter-me feito tal que eu me enganasse sempre, pareceria também ser-lhe absolutamente contrário permitir que eu me engane algumas vezes; e, no entanto, não posso duvidar de que ele não o permita.

10. Haverá talvez, aqui, pessoas que preferirão negar a existência de um Deus tão poderoso a acreditar que todas as outras coisas sejam incertas. Não lhes resistamos no momento e suponhamos, em seu favor, que tudo o que é dito aqui de um Deus seja uma fábula. Entretanto, de qualquer forma que suponham que eu tenha chegado ao estado e ao ser que possuo, quer o atribuam a algum destino ou fatalidade, quer o refiram ao acaso, quer queiram que isso seja por uma contínua série e ligação entre coisas, é certo que, visto que falhar e enganar-se é uma espécie de imperfeição, quanto menos poderoso for o autor a que atribuírem minha origem tanto mais será provável que eu seja de tal modo imperfeito que me engane sempre. A tais razões nada tenho, por certo, a responder, mas

---

<sup>7</sup> Aqui começa o argumento do Deus enganador, o terceiro grau da dúvida. Ele tem por fundamento o desconhecimento de nossa origem. Diferente dos graus anteriores, sugeridos por erros e fatos que nos ocorrem naturalmente, este exige um esforço maior para sua elaboração: por isso a dúvida, aqui, é chamada de dúvida metafísica, em contraposição à natural.

sou forçado a confessar que, de todas as opiniões que no passado recebera em minha crença por verdadeiras, não há sequer uma da qual não possa agora duvidar, não por alguma desconsideração ou leviandade, mas por razões muito fortes e maduramente consideradas; de sorte que é necessário que eu interrompa e suspenda daqui para frente meu juízo sobre tais pensamentos e que não lhes dê mais crédito do que daria às coisas que me parecem evidentemente falsas, se desejo encontrar algo de constante e de seguro nas ciências.<sup>8</sup>

11. Não é, porém, suficiente ter feito tais considerações; é preciso, ainda, que eu cuide de lembrar-me delas; pois essas opiniões antigas e ordinárias ainda retornam com frequência a meu pensamento: a longa e familiar convivência que tiveram comigo deu-lhes o direito de ocuparem meu espírito contra meu desejo e de se tornarem quase que senhoras de minha crença. E jamais me desacostumarei de concordar com isso e de confiar nelas, enquanto as considerar tais como são efetivamente – a saber, como duvidosas de alguma maneira, como acabamos de mostrar, e igualmente muito prováveis –, de modo que se tem muito mais razão em acreditar nelas que em negá-las. Eis por que penso que me utilizarei delas mais prudentemente se, tomando partido contrário, empregar todos os meus cuidados em enganar-me a mim mesmo, fingindo que todos esses pensamentos sejam falsos e imaginários, até que, tendo equilibrado meus prejuízos de tal modo que não possam fazer pender minha opinião mais para um lado que para o outro, meu juízo não seja mais, daí por diante, dominado por maus usos e desviado do reto caminho que pode conduzi-lo ao conhecimento da verdade. Estou seguro, mesmo assim, de que não pode haver perigo nem erro nesta via e de que eu não poderia hoje aceder em demasia a minha desconfiança, visto que não se trata, no momento, de agir, mas somente de meditar e de conhecer.

12. Suporei, pois, que há não um verdadeiro Deus, que é a soberana fonte da verdade, mas certo gênio maligno, não menos ardiloso e

<sup>8</sup> O Deus enganador poderia ser comparado a um poderoso vírus de computador que, por ter penetrado durante a instalação do sistema operacional, pareceu pertencer ao conjunto dos programas do sistema. Por isso, jamais foi detectado, e seus efeitos sempre foram considerados pertencerem ao funcionamento normal do computador. Quem sabe o ser que nos criou não faz algo semelhante com nossa capacidade de conhecer?

enganador que poderoso, que empregou toda a sua destreza em enganar-me.<sup>9</sup> Pensarei que o céu, o ar, a terra, as cores, as figuras, os sons e todas as coisas exteriores que vemos não passam de ilusões e enganos de que ele se serve para surpreender minha credulidade. Considerar-me-ei a mim mesmo como não tendo mãos, olhos, carne ou sangue, como não tendo sentido algum, mas acreditando falsamente ter todas essas coisas. Permanecerei obstinadamente apegado a esse pensamento; e se, por esse meio, não estiver em meu poder chegar ao conhecimento de alguma verdade, ao menos está a meu alcance suspender meu juízo. Eis por que prestarei atenção cuidadosamente para não receber em minha crença nenhuma falsidade, e prepararei tão bem meu espírito contra todas as armadilhas desse grande enganador que, por poderoso e ardiloso que seja, não poderá jamais impor-me nada.

13. Ocorre que esse projeto é penoso e trabalhoso, e certa preguiça me empurra impiedosamente para o ritmo de minha vida ordinária. E, tal como um escravo que desfrutava, durante o sono, de uma liberdade imaginária, tão logo comece a suspeitar de que sua liberdade seja apenas um sonho, teme ser despertado e conspira com essas ilusões agradáveis para ser mais longamente enganado, assim eu reincido insensivelmente por mim mesmo em minhas antigas opiniões e receio despertar dessa sonolência, de medo de que as vigílias laboriosas que se sucederiam à tranquilidade desse repouso, em vez de me trazerem alguma claridade ou alguma luz no conhecimento da verdade, não fossem suficientes para aclarar todas as trevas das dificuldades que acabam de ser levantadas.<sup>10</sup>

---

<sup>9</sup> A função do Gênio Maligno é a mesma da do Deus enganador, sob o aspecto da abrangência da dúvida. Entretanto, o Gênio Maligno tem um papel psicológico fundamental: ele permite que consideremos os pensamentos postos em dúvida como se fossem falsos, para que, assim, deixemos de acreditar neles. Por mais duvidosas que sejam as afirmações matemáticas, por exemplo, elas fazem-nos voltar a crer nelas: elas são duvidosas e prováveis ao mesmo tempo. Por isso, precisamos de um artifício para que desacreditemos nelas de vez, tal como a raposa, em uma das Fábulas de Esopo (*A raposa e as uvas*), por não conseguir alcançar as uvas no alto da videira, consola a si mesma dizendo que elas estão verdes. Este auto engano acalmou a vontade da raposa e serve, aqui, para frear nossa crença sobre a verdade.

<sup>10</sup> A Primeira Meditação tem como resultado a suspensão de todo juízo ou afirmação. Como tal, apresenta um resultado negativo ou cético (mas provisório, como veremos a seguir).

## SEGUNDA MEDITAÇÃO

*Da natureza do espírito humano;  
e que ele é mais fácil de conhecer que o corpo*<sup>11</sup>

1. A Meditação que fiz ontem encheu-me o espírito de tantas dúvidas que, de agora em diante, não está mais em meu poder esquecê-las. E, no entanto, não vejo de que forma poderia resolvê-las (...). Esforçar-me-ei, não obstante, e seguirei mais uma vez a mesma via que percorri ontem, afastando-me de tudo aquilo em que eu puder imaginar a menor dúvida, tal como se soubesse que isso fosse absolutamente falso; e continuarei sempre por esse caminho até que tenha encontrado algo de certo ou, pelo menos, se outra coisa não for possível, até que tenha aprendido certamente que não há nada de certo no mundo.

2. Arquimedes, para tirar o globo terrestre de sua posição e transportá-lo para outro local, nada pedia senão um ponto que fosse fixo e seguro. Assim, terei o direito de conceber altas esperanças, se for feliz o bastante para encontrar somente uma coisa que seja certa e indubitável.

3. Suponho, então, que todas as coisas que vejo são falsas (...). O que, portanto, poderá ser considerado verdadeiro? Talvez nenhuma outra coisa, a não ser que não há nada de certo no mundo.

4. Diante disso, como é que sei se não há alguma outra coisa diferente das que acabo de julgar incertas, da qual não se possa ter a menor dúvida? Não há algum Deus, ou alguma outra potência, que me ponha no espírito esses pensamentos? Isso não é necessário; pois talvez eu seja capaz de produzi-los por mim mesmo. Eu, então, pelo menos, não sou algo? Ocorre que já neguei que eu tivesse algum sentido ou algum corpo. Hesito, no entanto, pois o que se segue disso? Sou de tal modo dependente do corpo e dos sentidos que não possa existir sem eles? Eu já me persuadira, contudo, de que não havia nada no mundo, de que não havia céu algum, terra alguma, espíritos alguns, nem corpos alguns; não me

<sup>11</sup> A Segunda Meditação tem três grandes etapas: a primeira (§§ 1-4) apresenta a conquista da primeira verdade, a minha existência; a segunda (§§ 5-9) faz uma reflexão sobre essa verdade e estabelece a natureza do ser existente; a terceira (§§ 10-18) pretende mostrar que o espírito humano é mais fácil de ser conhecido do que o corpo.

persuadi, então, de que eu tampouco existia? Com certeza, não; eu existia sem dúvida, se me persuadi de algo ou se apenas pensei algo. Há, porém, algum não sei qual enganador muito poderoso e muito ardiloso que emprega toda a sua destreza em enganar-me sempre. Não há, pois, dúvida alguma de que sou, se ele me engana; e, que ele me engane quanto quiser, não poderá jamais fazer que eu nada seja, enquanto eu pensar ser alguma coisa. Desse modo, após ter pensado bem nisso e ter examinado cuidadosamente todas as coisas, é preciso, enfim, concluir e ter por constante que esta proposição, *Eu sou, eu existo*, é necessariamente verdadeira todas as vezes que a pronuncio ou que a concebo em meu espírito.<sup>12</sup>

5. Não conheço, porém, ainda bastante claramente o que sou, eu que estou certo de que sou. Por isso, daqui para frente é preciso que eu atente com todo cuidado para não tomar imprudentemente alguma outra coisa por mim e, assim, não me equivocar sobre este conhecimento que sustento ser mais certo e mais evidente que todos os que tive até então.<sup>13</sup>

7. Ora, o que sou eu, eu que agora suponho que há alguém que é extremamente poderoso e, se ousar dizê-lo, malicioso e ardiloso, que emprega todas as suas forças e toda a sua destreza em enganar-me? Posso estar seguro de possuir a menor de todas as coisas que acima atribuí à natureza corpórea? Detenho-me a pensar nisso com atenção, passo e repasso todas essas coisas em meu espírito, e não encontro nenhuma que eu possa dizer estar em mim. Não é necessário que me detenha a enumerá-las. Passemos, então, aos atributos da alma, e vejamos se há alguns que existam em mim. Os primeiros são alimentar-me e andar; mas, se é verdade que não tenho corpo, é verdade também que não posso andar nem me alimentar. Um outro é sentir; mas tampouco se pode sentir sem o corpo; além disso, pensei sentir em outros tempos várias coisas durante o sono, as quais reconheci, ao despertar, não ter sentido

<sup>12</sup> Eis a primeira verdade encontrada por Descartes. Em outros textos, como na Quarta Parte do *Discurso do método* (DESCARTES, R. *Discurso do método; Meditações; Objeções e respostas; As paixões da alma; Cartas*. 3. ed. Tradução de J. Guinsburg e Bento Prado Júnior São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Coleção Os Pensadores). p. 46), ela aparece na forma que se tornou canônica: “penso, logo existo”. É importante atentar para o fato de que ela só é verdadeira no instante em que é concebida.

<sup>13</sup> Estando certo de que sou, posso me perguntar agora o que sou, não enquanto ser humano ou em razão do que acreditava ser, mas a partir, apenas, da primeira verdade.